

AS GRANDES PLANTAÇÕES DE SÃO DOMINGOS NOS ÚLTIMOS ANOS DO SÉCULO XVIII (1).

A imagem da vida colonial antilhana que surge através da história das plantações não é uma imagem completa. Os problemas que a economia agrícola e já semi-industrial das ilhas apresentavam não eram os únicos. A êle se juntavam as dificuldades das relações com a metrópole, as questões comerciais e as de crédito, que eram tanto políticas quanto econômicas. Mas era bem o problema da mão-de-obra, o problema de homens, que estava no centro de tudo.

Esses problemas eram tão antigos quanto as plantações, isto é, as colônias. Mas no fim do século XVIII quando os engenhos se multiplicam, quando os cafezais e os algodoais cada vez mais numerosos prolongam as plantações de anil, tôdas as Antilhas precisam cada vez mais de gente. Os quadros brancos, a mão-de-obra de côr não bastam para as necessidades, para a ânsia de lucro dos colonos e dos proprietários coloniais. Estes problemas adquirem então uma acuidade muito viva.

Queremos alinhar algumas observações e algumas reflexões, esbôço dum capítulo sôbre a escravidão nas Antilhas francesas. Entre esses problemas humanos faremos uma escôlha. Não abordaremos, de frente pelo menos, o da ausência dos grandes proprietários brancos. Nem aquêle outro, todavia muito importante, das formas de agrupamento dos negros no interior das plantações: agrupamentos espontâneos, agrupamentos raciais, agrupamentos religiosos. Nos limitaremos ao recrutamento, à conservação, à disposição da mão-de-obra negra; ao recrutamento dos quadros brancos das plantações. Veremos como os colonos procuraram organizar, manter suas "fôrças", regularizar o trabalho, assegurando ao mesmo tempo a ordem, e porque se preocuparam então mais do que antes com esta ou aquela questão. Veremos enfim, como esses problemas se apresentaram aos Administradores Gerais e às repartições públicas de Versalhes e como em França êles agitaram muitas consciências.

*

* *

(1). — Texto francês traduzido por E. Simões de Paula (Nota da Redação).

I. — A ADMINISTRAÇÃO GERAL DAS PLANTAÇÕES: OS EMPREGADOS BRANCOS.

A primeira dificuldade era a administração geral das plantações, no caso mui freqüente da ausência prolongada dos colonos, ou também quando o colono estava presente. A direção dum engenho, da mesma maneira que uma plantação de café, era um pesado encargo. Ela impunha a divisão da autoridade e das funções. Mas essas dificuldades, nós não as percebemos senão quando o colono está longe, porque quando êle está no local, não há correspondência com os gerentes, não há diários de trabalho.

No continente e nas ilhas, quando os plantadores inglêses partiam, colocavam os seus bens com um procurador, um *general attorney*, possuidor de todos os poderes para comprar, vender, fazer as reparações necessárias e pagar as contas. O sistema francês, mesmo que a plantação tivesse cêrca de cinqüenta escravos, precisava uma dupla direção: a de um procurador (*procureur*), comumente negociante ou homem de leis, algumas vêzes colono, que fazia as grandes compras de escravos, animais e material, que procedia às vendas, que regulava a distribuição das culturas, mantinha em dia a contabilidade; e a dum gerente (*gérant*) que vivia na plantação, com estipêndio fixo enquanto que o procurador recebia uma percentagem sôbre o montante dos negócios. O gerente tinha a responsabilidade dos escravos, da regularidade dos trabalhos, mas em princípio êle não decidia nada de importante. Abaixo do gerente, tanto escolhidos pelo procurador, como pelo gerente, existiam os administradores (*économes*), guarda-livros, cirurgiões, mestres refinadores e feitores.

Essa dualidade de direção tinha suas vantagens para a vigilância geral que assim era recíproca; o senhor correspondia tanto com o procurador como com o gerente. Mas ela estabelecia um conflito latente, provocava um grave problema social. O procurador era do mundo dos colonos, dos grandes proprietários brancos, o gerente não era mais que um aprendiz de colono, um branco pobre, muitas vêzes um antigo administrador. Uma linha de separação social colonial passava entre êles. Ela não auxiliava a boa administração geral das plantações (2). Havia de um lado aquêles que tinham as honras e os proventos da direção: colonos ou procuradores que auferiam grandes lucros na colônia, e do outro, aquêles que tinham por todo o horizonte um lugar um pouco melhor, com vencimentos um pouco mais elevados, com melhores habitações. Os gerentes não tinham o mesmo apêgo à colônia, não

(2). — U. B. Dubuisson, *Nouvelles considérations sur Saint-Domingue*, Paris, 1780, 2 partes em 1 vol., in 16, II, 18.

podiam possuir o mesmo gênero de interêsse que os colonos e procuradores tinham pela vida em geral. No fim do século XVIII a administração das plantações tornava cada vez mais difícil aos gerentes transformarem-se em procuradores, colonos e homens ricos. A medida que as plantações representam uma maior acumulação de capitais, o fôssô se alargava e se aprofundava. Os gerentes são contados na população flutuante, entre os que Hilliart d'Alberteuil propunha chamar de *colonistas*, os não estabelecidos (3). Advinha-se que reações se preparavam para os anos de 1789 e 1791.

*

O recrutamento dos quadros subalternos de brancos era um outro problema. Para as tarefas constantemente delicadas da vigilância e da direção dos escravos, os gerentes procuram os administradores que muitas vêzes êles contratam sem consultar o colono. Devem aceitar os primeiros que se oferecem. A dificuldade era antiga, sem remédio. O recém-chegado estava muitas vêzes cheio de boa vontade, mas muitas vêzes era também incapaz, pouco honesto, mal aclimatado, porque os administradores eram quase sempre escolhidos entre os jovens que chegavam da França. Nunca as plantações tiveram o pessoal branco indispensável para a sua boa marcha, e aquêles que elas possuíram parece ter sido cada vez menos bem recrutado, cada vez menos apto para as múltiplas tarefas da vida agrícola colonial.

Os senhores, colonos ou procuradores, mal conheciam os administradores: eram de outra casa, outra mesa, outra classe. Êsses jovens partiam tão rapidamente como tinham vindo, porque não tiravam lucro algum da plantação. Na sua maioria eram simplesmente alimentados, alojados e tinham roupa lavada (4). Quando recebiam vencimentos, êstes eram pouco elevados e mal pagos. Nunca percebiam gratificações no fim do ano ou após a moagem da cana e o apiloamento do café. Não auferiam nenhuma percentagem sôbre o açúcar transportado ou embarcado. Em pouco tempo surgiu uma classe percebendo baixos salários e uma permanente ameaça de ciúme social (5).

Essa inveja, aliás, é típica dêsses administradores para com a casa-grande. Os colonos têm mêdo dêsses brancos pobres que

(3). — Hilliart d'Auberteuil, *Considérations sur l'état présent de la colonie française de Saint-Dominque*, Paris, 1776-1777, 2 vols., in 8.º, II, 273.

(4). — Cel. Malenfant, *Des Colonies et particulièrement de celle de Saint-Domingue*, Paris, 1814, in 16, p. 161.

(5). — G. Debien, *A Saint-Domingue avec deux jeunes économistes de plantation (1777-1788)*, in "Revue d'hist. d'Haïti", 1945, pgs. 3, 28, 33, 44 e 63. As mesmas distinções sociais separavam os *attorneys* e os *ecônomo*s nas plantações da Luisiânia do século XIX: A. V. Moady, *Slavery on Louisiana Sugar Plantations*, ext. de "The Louisiana Hal. Quart.", abril de 1924, pp. 19 e 21. Para o assunto das reações dos gerentes às ordens dos colonos, ver: M. Bé-gouën-Demeaux, *Mémorial d'une famille havraise, II, Stanislas Foäche, 1737-1806*, Paris, Larose, 1951, in 8.º, p. 112.

se agitam. Procurarão logo, precisamente por temor de perturbações sociais, erguer uma organização política eleitoral da colônia que os proteja contra êsses invasores (6).

Os cirurgiões, os refinadores, não inspiravam tantos cuidados entre os colonos. Suas ambições eram talvez menos altas que as dos administradores e suas origens mais humildes. Sem dúvida também mudavam êles muitas vêzes de plantação e de habitação. O caráter técnico de suas tarefas era para êles uma segurança. E' de se presumir que fôsse melhor recrutados. Antes de contratar um refinador os colonos procuravam informações. Um cirurgião, um refinador, são tidos em maior consideração que os administradores, vigilantes e guarda-livros. Os feitores formam os aprendizes, domesticam os bois e as mulas na charrua. São escolhidos em França, têm assegurados bons vencimentos.

Assim, entre os brancos das plantações havia um desequilíbrio latente, um mundo heterogêneo, em movimento contínuo, instável; não foi encontrado um modo satisfatório de retribuição, de participação dos lucros. Há uma dificuldade permanente para se organizar uma hierarquia bem articulada e disciplinada, para enquadrar numa maneira mais ou menos conveniente essa unidade de produção e de trabalho que é o mundo complexo numa plantação. Essa dificuldade não era recente. O que é pròpriamente novo, é a gravidade aguda da oposição das classes no interior dos engenhos e dos cafezais.

*

* *

II. — A MÃO-DE-OBRA NEGRA.

E' mais fácil deter-se nas dificuldades relativas à mão-de-obra negra. Existe aí uma espécie de paradoxo. Não são quase nunca os negros que nos deixaram testemunhos sôbre a sua sorte, sôbre a sua estafa, sua sub-alimentação, suas fadigas e seus sofrimentos, mas, sobretudo, os brancos: colonos, viajantes de passagem, administradores, missionários; mas êsses brancos possuem ótica de brancos. Isso é verdade. Mas a escravidão não era então aquilo que se tornou aos nossos olhos, uma coisa que se condena e que se esconde. Falava-se então diretamente, às vêzes com detalhes e, se muitas torpezas são dissimuladas nas contabilidades e pelas contabilidades e, se estão escondidas em nossos inquêritos as brutalidades, as grosseiras injustiças, tudo isso é o resultado da dureza dos costumes, de desumanidade da vida cotidiana; êsses fatos nos deixam a impressão de que os testemunhos que nos restam não

(6). — G. Debien, *Les Colons de Saint-Domingue et la Révolution. Essai sur le Club Massiac*, Paris, Colin, 1953, in 8.º, p. 147.

são mais sistematicamente deformados do que tantos outros testemunhos humanos, e que se na verdade são testemunhos unilaterais é necessário tomá-los como tais, mas êles têm o seu valor.

Os problemas da mão-de-obra negra eram mais numerosos e mais complexos do que aquêles do enquadramento branco das plantações. Na perspectiva dos colonos, êles se cifravam na preocupação essencial do rendimento mais regular do trabalho, com despesas de exploração reduzidas ao mínimo.

De maneira geral, os escravos das plantações se repartiam em três classes, segundo o seu gênero de trabalho, segundo suas relações mais ou menos diretas com a casa-grande e o senhor. Havia negros domésticos ou de casa; operários; enfim os negros que trabalhavam na lavoura, chamados também de grupos de trabalhos. Nos deteremos nas duas últimas classes, porque é em seu benefício que se vai precisar e se desenvolver a partir de 1780 cuidados e meios bastante novos para melhorar sua sorte de escravos, e a volta a uma disciplina mais inteligente e um pouco mais humana.

1. — *A composição dos grupos de trabalho (ateliers).*

Trata-se de remediar primeiramente a baixa, crescente no dizer dos colonos, do valor humano dos escravos (7). Não somente o número de escravos desembarcados não chega para satisfazer as necessidades cada vez maiores das plantações, mas também os negreiros vendem menos “peças da Índia”, como se chamavam os negros de bela estatura e de robusta constituição. Chegam cada vez mais negros de Angola e de Moçambique, pouco apreciados. Disputa-se, entretanto, êsses recém-chegados e é com êles que os plantadores reforçam seus cafezais. Mas quando os colonos têm dinheiro emprestado, quando estão menos apressados, sobretudo quando vivem nas plantações, não fazem essas compras ao azar. Seguem uma tríplice política na constituição de bons grupos de trabalho: procuram por negros de raças afins e pouco numerosas, buscam equilibrar a proporção de africanos e crioulos, enfim, procuram adaptar as raças aos diferentes misteres de trabalho.

Antes de 1760 não se prestava atenção particular à “nação” dos escravos. Os inventários das plantações enumeram uma extraordinária diversidade de raças, um grande número de senegaleses e de islamizados, de escravos de origem espanhola ou portuguesa, de negros do contrabando inglês. Após a Guerra da América, procura-se mais deliberadamente certas raças, os aradas da Costa do Ouro

(7). — *Mémoire pour les habitants du Sud, Les Cayes, s. d. [1785], in 16, p. 17. Wimpffen, Voyage à Saint-Domingue pendant les années 1788-1789, Paris, ano V, 2 vols. in 16, I, 97. Os colonos ingleses fazem a mesma observação: G. Pinckard, Notes on the West Indies, Londres, 1806, 3 vols., in 8.º, I, 108.*

(ibôs, nagôs, haussás) e congoleses. Os primeiros praticavam alguns trabalhos agrícolas, sabiam com rapidez tirar partido duma horta, cultivavam facilmente os víveres comuns nas ilhas, e suas mulheres, como as dos congoleses, eram adequadas para tôdas as tarefas. Os congoleses são menos apreciados porque têm uma aparência menos bela e mais frágil. Mas são submissos e alegres. Nisso tudo se vê uma vontade manifesta de iniciar mais facilmente os recém-chegados na sua nova vida, de abreviar o tempo de sua aclimação, de simplificar e de uniformizar os problemas alimentares, sempre delicados do início. E' um caminho para uma docilidade maior, para uma mortalidade reduzida (8).

Quando a proporção dos crioulos e dos "nascidos-na-região" é muito forte, distribui-se os recém-chegados entre os grupos de trabalho, para que os laços de amizade se criem entre os antigos e os *bossales* que terão de aprender o crioulo. São as cartas dos gerentes que dão êsses detalhes aos proprietários ausentes que querem informações sôbre a marcha do trabalho dos escravos recentemente comprados. Êsse método de educação é muito generalizado. Não se quer grupos de trabalho onde os recém-chegados, mais sólidos talvez, mas não educados, estejam em grande proporção, nem grupos de trabalho onde dominem os crioulos, mais ágeis, mais seguros, mas muitas vêzes anêmicos no dizer dos colonos.

Faz-se o possível para tirar o melhor partido dos indivíduos, das raças, do seu caráter e de suas aptidões. Há um período de observação metódica. Os congoleses são lenhadores, homens de pá e picareta, desbravadores, o grupo do trabalho pesado. Aos arados confiavam-se tarefas mais delicadas de carroceiros, de fabricante de açúcar. Os mulatos tinham officios profissionais, de tanoeiro, maquinista, ferreiro. São semi-artífices. Tem-se sempre em vista um produto melhor e mais barato, o que não é nada de novo. Mas nota-se desde então a preocupação de pôr em fórmulas práticas a experiência adquirida e de levar em conta os costumes particulares das "nações". Em geral, isso parecia tender mais para um abrandamento do que para um endurecimento da disciplina.

2. — Os novos.

O preço cada vez maior da mão-de-obra, sua raridade crescente, as preocupações da disciplina e do rendimento, fazem observar com mais cuidado a vida dos escravos. Nisso os plantadores não estão mais de acôrdo com o interêsse a se tomar acêrca do seu pes-

(8). — Cel. Malenfant, p. 210; *Papiers Croisoeuil* (em casa do conde de Croisoeuil, Châteaurenard, *villa et destins*, em Baiona), *Sucrerie Croisoeuil du Terrier-Rouge*, contas de 1783. *Papiers Galbaud du Fort* (em casa da condessa du Fort, em Angers): *Correspondance Parison*, 1778-1780.

soal. Uns consideram mais os gastos gerais de exploração do que essas preocupações novas que vão aumentá-los, e vêm os resultados afastados, portanto incertos. Querem cousas constantes e em pleno rendimento. Outros arriscam despesas de manutenção de mães e de crianças cujo trabalho é durante muito tempo diminuto, mas é o futuro que êles querem garantir. Entre os grandes fabricantes de açúcar e os grandes plantadores de cafezais o número dos que pensam desta maneira aumenta.

• Vimos como êles procuravam a aclimação dos recém-chegados e como os distribuíam após a sua chegada, por pequenos grupos entre os velhos negros e os crioulos que velavam sôbre sua saúde, controlavam sua alimentação e construíam suas casas no meio dêles. Ou então os novos são colocados sob a autoridade do segundo feitor. Quando a plantação é feita nas alturas, êles são enviados para lá durante muitas semanas. Os enfraquecidos aí ficam muitos meses (9). E' que a mortalidade entre os negros não aclimatados era apavorante, freqüentemente de 15 a 20% durante os três primeiros anos. Os esforços metódicos, as precauções sanitárias tomadas pelos colonos fazem baixar um pouco essa proporção após 1770. Isso levava os senhores que não queriam arriscar seus "negros da Guiné", a pôr os mesmos diretamente "no jardim", o cuidado é pois bem aparente. Sua filantropia tem aspectos utilitários. Os plantadores que sofreram grandes perdas de escravos, pensavam que sete meses de estágio, de vigilância especial, era o mínimo e quando mais importante era o lote adquirido, maior deveria ser o período de aclimação e que esta devia ser longa e minuciosamente controlada.

Na habitação ou na senzala êles são desde então "alimentados à mão", como as crianças, isto é, com rações especiais distribuídas duas vêzes por dia, sob as vistas do gerente ou do senhor. Nessa alimentação predominam as verduras, as bananas assadas, o arroz. Acrescenta-se provisões salgadas o menos possível. O conjunto é variado e alternado na medida do sortimento das provisões da plantação, que geralmente não é muito grande. O essencial — mas também o mais difícil — é habituá-los ao arroz que repugna a todos os recém-chegados.

3. — *Os doentes.*

Ao mesmo tempo toma-se um grande cuidado com os doentes e precauções especiais contra as epidemias de gripe, de difteria, de desinteria e sobretudo de varíola, êsse flagelo das Antilhas. A mortalidade que era de cêrca de 5% entre os negros em anos ordinários — aliás como entre os brancos — dobrava ou triplicava em ano de

(9). — Era assim nas propriedades de Fort em Léogane, Du Plaa, Boutin, Bréda, etc.

epidemia. A luta é direta pela inoculação de bexigas. Os primeiros ensaios remontam a 1745 (10), mas até 1780, só se inoculavam os recém-chegados. Em seguida, operou-se por grupos de trabalho inteiros (11), sobretudo com o método de Sutton (12), inglês de Antígua. Inoculava-se até as mulheres grávidas. A prática era muito custosa (13) e os resultados às vezes decepcionantes (14). Mas continuou-se a aplicar o método, índice duma mudança de clima moral.

A luta era indireta pela multiplicação e regularização das visitas de cirurgiões pagos desde então, parte por contrato, parte “casualmente”, o que é inegavelmente um progresso. Nas plantações dos cerros quis se atenuar os efeitos da humidade e do frio noturnos impondo-se o uso de rêdes, ou de macas ligeiras, com uma cobertura. Punições impunham êsse costume, mas difficilmente.

Inquieta-se com as causas de mortes mais freqüentes: febres inflamatórias, moléstias venéreas, tísica, bexigas, hemorragias, males do estômago, para determinar os melhores meios de luta e de prevenção. A atenção é mais metódicamente prestada nos casos de indisposição que rompem a regularidade do esforço dum grupo de trabalho inteiro: males dos olhos, debilidade, úlceras nas pernas, piã (15), tenesmos (16), picadas de insetos de pé mal cuidadas, sarampo. Os senhores ausentes enviavam de França caixinhas de chumaços de fios de linho, e pedaços de pano velho para os negros doentes. Após a aplicação de certos remédios, seguida de morte, ou após mortes súbitas, os colonos faziam proceder a autópsias. Não há nenhuma suspeita de envenenamento (17).

Uma enfermaria enfeitada com o nome de hospital, é refeita ou construída em cada aglomeração para os doentes atacados de febre, de piã, os “tísicos”, os ulcerados. Essa construção é um pouco isolada, mas ainda bastante próxima da casa-grande. Ela é dividida regularmente em três peças, uma sala com banheira e cofre

-
- (10). — Moreau de Saint Méry, *Description de la partie française de Saint-Domingue*, Filadélfia, 1796-1797, 2 vols., in 4.º, I, 536.
- (11). — Galbaud du Fort (carta de 4 de abril de 1760) cita a inoculação do grupo de trabalho de La Chapelle. Fournier de Bellevue em 1772 o imita na sua propriedade de Roucon (Moreau de Saint-Méry, I, 220). Edme des Rouaudières em Las Cayes, em julho de 1775.
- (12). — Moreau de Saint-Méry, I, 247.
- (13). — Arquivos de La Loire-Inférieure, E 691. *Comptes de l'habitation Bréda de la Plaine du Nord*, julho de 1788: 1410 libras para inocular 47 negros — *Comptes de l'habitation du Haut-du-Cap*, 17 de julho de 1788, 20 libras por cabeça.
- (14). — Moreau de Saint-Méry, II, 715.
- (15). — Doença endêmica e inoculável dos países quentes, caracterizada por erupção, à superfície da pele e das mucosas, de tubérculos salientes, que podem assumir a forma de morangos ou framboesas (*Nota do tradutor*).
- (16). — Tensão dolorosa produzida pela irritação espasmódica dos esfínteres (ânus e colo da bexiga) (*Nota do tradutor*).
- (17). — *Papiers Butler* (em casa do visconde G. de Butler, em Villefranche-de-Rourgue); *Correspondance de Patrice*, 1788; *Papiers Galbaud du Fort*, *Correspondance de Parison*, 1788.

de remédios no centro, onde permanecia o enfermeiro; aos lados uma peça para cada sexo. Nas cidades, nas grandes planícies e nos engenhos também, os médicos ou simples cirurgiões estabeleceram verdadeiros hospitais para os escravos que tinham necessidade de cuidados especiais ou duma operação (18). Aparentemente muitos dos plantadores não recuavam diante de grandes despesas para conservar o seu pessoal, o seu grande capital. E se os médicos, os cirurgiões são colocados para cuidá-los, é que novos hábitos nasceram, onde talvez não entrem somente preocupações de dinheiro.

Os médicos publicam suas observações sobre as doenças dos negros. Entre 1775 e 1788 há um pululamento de obras especiais, ao passo que durante o meio século precedente não tinham aparecido mais do que uma ou duas sobre o assunto (19). Dazille, que exerceu sua profissão na propriedade Duplaa em Quartier-Morien de 1777 a 1783 (20) publica o livro *Observations sur les maladies des nègres, leurs causes, leurs traitements et les moyens de prévenir* (Paris, Didot, 1776, in-8.º, XVI+316 p.) que teve uma segunda edição em dois volumes, seguida de *Observations sur le tétanos* (Paris, Planche, 1778, in-8.º, 478 p.). Arthaud publica no *Journal de Physique* (1787, XXX, p. 422-427) suas *Observations sur la piqûre de l'araignée-crabe des Antilles* e uma *Description sur la ville du Cap pour servir à l'histoire des maladies qu'on y observe* (1785, in-8.º, 55 p.), que havia precedido um *Traité des pians* (Le Cap, Dufour de Rians, 1776, in-4.º, 15 p.). Bertin estampou o livro *Des moyens de conserver la santé des blancs et des noirs aux Antilles* (Paris, Miquignon, 1786, in-8.º, 126 p.) e Bourgeois sua *Mémoire sur les maladies les plus communes à Saint-Domingue...* (Paris, 1788, in-8.º).

A experiência de cada plantação é recolhida e anotada num *Cahier des remèdes* que os cirurgiões organizam de acôrdo com o colono ou o gerente. O bom efeito, as condições das medicações aí são registradas. E' o código de usagens medicinais da aglomeração (21). Os *prescription books* das plantações da Luisiana do século XIX não são diferentes (22). Nele está prescrito como tratar os doentes que não estão de dieta com pão, biscoito, frutos assados,

(18). — Moreau de Saint-Méry, I, 46; II, 65; A. Chevalier, *Un plein sac de vieux papiers*, Ruffee, 1913, in 8.º, p. 108. Arquivos de La Loire-Inférieure; *Papiers Bréda*, E G91, Contas de 1790; *Papiers La Barre*, Arquivos de La Vienne. Em 1767. Contas Lebellier, 1775; Advielle, *L'Odyssée d'un Normand à Saint-Domingue au XVIIIe siècle*, Paris, 1901, in 16, p. 90.

(19). — Por exemplo as *Lettres à M...* sur les maladies de Saint-Domingue, por J. D. Chevalier, Paris, 1752, in 12.º, 2 vols. Sobre a história da medicina em São Domingos vide os trabalhos do Dr. Ruly Léon, *La Pratique médicale de Saint-Domingue*, Paris, Les Presses Modernes, 1928, in 8.º, 115 p. e *Notes bio-bibliographiques: Médecins et naturalistes de l'ancienne colonie de Saint-Domingue*, Bibliothèque du Service d'hygiène, Port-au-Prince, 1933, in 4.º, 89p.

(20). — Moreau de Saint-Méry, I, 247.

(21). — Advielle, *op. cit.*, p. 66.

(22). — Moody, *op. cit.*, p. 89.

carne cozida (23) e nas contas começam a aparecer as despesas com o açougue dos hospitais das plantações (24). Serve-se um pouco de vinho e de tafiá (cachaça) (25). O café substitui as tisanas para os atacados de escorbuto (26). Nos casos graves o cirurgião pernoita na plantação (27).

“A dieta austera convém raramente aos negros. O arroz, o milhete em farinha e o pão são a alimentação mais sã. E’ necessário dar carne e vinho àquêles que estão extenuados. Sobre esse gênero pode haver grandes abusos. Só se pode evitá-los com a máxima vigilância. Desejo que se faça comer os doentes uma meia hora antes dos administradores a fim de que estes possam estar sempre presentes na distribuição dos viveres e velar para que eles sejam bem cozidos. E’ necessário que um negro saia do hospital não somente são, mas em estado de suportar trabalhos ligeiros.

“Os preguiçosos se apresentam às vèzes no hospital sob o pretexto de doença. E’ necessário fechar os olhos sobre esse abuso a menos que se torne mui freqüente, sobretudo quando eles são de constituição fraca. Dois ou três dias de repouso lhes são necessários” (28).

Os senhores visitam os doentes todos os dias (29). Madame des Rouaudière, em Torbeck, no Sul, fazia disso uma obrigação (30). As correspondências dos colonos e dos gerentes são inesgotáveis sobre esse capítulo dos cuidados aos doentes.

Entretanto, se em algumas plantações, como no engenho Demoulceau no Cul-de-Sac (31) chega-se a reduzir a 3 por cento a mortalidade anual, geralmente um pouco superior a 5 por cento, a proporção dos doentes não baixa entretanto. Os 15 por cento dos não disponíveis (doentes, enfermos ou velhos) que Hilliard d’Auberteuil nota, mais ou menos em 1775, nos grandes grupos de trabalho é um mínimo irredutível (32). E’ essa mesma porcentagem que se encontra nas vésperas da Revolução nas melhores plantações.

-
- (23). — Mme André-Hesse, *Un établissement français à Saint-Domingue au XVIIIe siècle*, Mercure de France, 1.º de setembro de 1938, p. 287 e 296.
- (24). — Arquivos de La Vienne; E. *Papiers La Barre*, contas de açougue do engenho des Vase, 1777.
- (25). — *Papiers Galbaud du Fort, Correspondance d’Ingénac*, 1789.
- (26). — *Idem, Correspondance Parison*, 11 de novembro de 1771.
- (27). — *Ibidem*, 23 de abril de 1768.
- (28). — *Papiers Dégouën-Denizaux* (em casa de M. Bégouëu-Denizaux, no Havre). Instruções de Stanislas Foäche a seus gerentes, 1775, II, p. 22.
- (29). — *Papiers Gabauld*, carta de Galbaud du Fort de 26 de junho de 1765.
- (30). — *Papiers Vanssay* (em casa da viscondessa G. de Vanssay, castelo de La Barre, por Conflans sur Anilhe, Sarthe), *Correspondance des Rouaudières*, 4 de dezembro de 1790.
- (31). — Biblioteca de La Rochelle, Ms. 855, carta de 1.º de março de 1783.
- (32). — Hilliard d’Auberteuil, I, 181.

4. — *Em tôrno dos nascimentos.*

Salvo em algumas raras plantações, em alguns raros engenhos ao Norte e em cafezais do Sul, o número dos escravos não se mantém senão pela compra. Apenas os nascimentos não renovavam os grupos de trabalho. As causas dessa desnatalidade não estavam tôdas bem claras para os colonos. Eles viam aí primeiramente um efeito das doenças venéreas, muito espalhadas, e da desproporção do número de jovens mulheres em relação ao dos homens. Nós podemos acrescentar outras causas: a sub-alimentação geral e os trabalhos excessivos impostos às mulheres grávidas e logo após os partos.

Tudo isso não explica, entretanto, que tantas mulheres jovens e robustas tenham tido menos da metade de filhos que elas teriam podido conceber. Antes de 1780, e depois ainda, mas menos sensivelmente, os nascimentos nas plantações provinham de um pequeno número de mulheres muito fecundas. A grande questão é pois a da esterilidade voluntária e da prática corrente dê abortos. Os administradores coloniais desde há muito se queixavam disso. As lamentações dos colonos nos chegam sòmente muito tarde, nos fins do século (33). Por que? Certamente, pela indiferença, e pode-se mesmo pensar que os plantadores foram mais longe, encorajando essa esterilidade! Uma abundante natalidade não parece desejável a todos, porque uma mulher grávida é sempre uma mulher frágil e produz muito menos trabalho. Os colonos fizeram muitas vêzes o cálculo de que a manutenção duma criança até os 14 anos é mais custosa que a compra dum africano da mesma idade.

A perspectiva dos plantadores muda durante o curso do último quartel do século. Os abortos teriam se tornado mais frequentes? Não parece. Mas uma campanha de repressão tem início e os senhores querem ver suas negras mais vêzes mães. As ligeiras punições que atingiam as mulheres são agravadas e multiplicadas. Não é mais sòmente o chicote, mas a prisão nos dias de saída e a humilhação de levar às costas um cepo talhado em forma de uma criancinha (34).

A distribuição às mães duma pequena gratificação era de origem bastante antiga. Agora se tornam prática corrente. A gratificação se faz progressiva com o número de crianças, e cada vez mais

(33). — *Papiers Grandhomme* (em casa da condessa de Tinguy, em Picaudrie, por Thomaré-sur-Loire, Loire-Inférieure): *Correspondance Sartre*, 15 de agosto de 1782. *Idem, Observations de Pays de Vau par son gérant*, p. 19. Moreau de Saint-Méry, II, 660. Biblioteca de Nantes, Ms. 880, p. 414. F. Carteaux, *Soirées bermudiennes*, Bordéus, 1802, in 8.º, p. 301. Hilliard d'Auberteuil, II, 66. U. B. Dubuisson, II, 41. Girod-Chantrons, *Voyage d'un Suisse dans d'Ilérentes colonies d'Amérique*, Neuchâtel, 1785, in 8.º, 138 e 150. Peytraud, *L'esclavage aux Antilles françaises en 1789*, Paris, 1897, 210, 237.

(34). — Era assim nos engenhos Croisoeuil e Grandhomme.

substancial. Ela é muitas vêzes dividida em dois pagamentos: um no início da gravidez, outro quando do nascimento, “quando a criança chegou a bom têrmo”. Quando ela anda, as mães recebem uma recompensa em certas plantações.

Paralelamente se desenvolve o cuidado aos recém-nascidos. A mortalidade infantil era muito elevada em tôdas as ilhas, entre os negros como entre os brancos. Ensinam-se enfermeiras e parteiras, que são gratificadas com uma moeda para cada parto feliz. As gravidezes laboriosas terminam nos cirurgiões, com grandes gastos. As que amamentam são mantidas fora dos trabalhos mais penosos, assim como as mulheres grávidas no fim da sua gravidez. As mães de seis filhos vivos são libertadas. As crianças desmamadas são alimentadas à parte, “à mão” por uma guardiã e instalam-se “pequenas Guinés”, cabanas e cercados sob a vigilância de matronas.

Teríamos muitos textos para citar se quiséssemos apresentar testemunhos significativos dêsse início de evolução. Não citaremos mais do que dois, não porque sejam muito fartos em detalhes, mas porque se mantêm num tom muito geral e dão uma média da situação.

O primeiro é o dum plantador, o conde d’Agoult, proprietário dum engenho em Camp-de-Louise no Norte, e dum cafezal em Plaisance, também no Norte. Voltou da colônia em 1786. Repete suas instruções a seu gerente de Plaisance, chamado Feytaut. Escreve de Paris em 9 de outubro de 1790, chegando de seu castelo nos arredores de Alais no Languedoc e reconhece que não tem nenhuma ligação com os espíritos novos ou com os colonos da sua província:

“Como dizeis, deve-se ter muito cuidado e muita humanidade pelos homens que compõem vosso grupo de trabalho. Eu vos recomendo de novo... Se fôr necessário sacrificar alguma coisa pela conservação e manutenção dos negros, minha intenção é que se faça... E’ necessário procurar tanto quanto o possas, colocá-los em trabalho que convenha à sua constituição e para os doentes de piã é essencial tirá-los do trabalho, sobretudo quando são jovens, como Lubin, Passi, e os outros doentes, para bem restabelecê-los, porque é essencial conservar os homens por razões de humanidade e de interêsse. E’ isso que sempre vos recomendo, ainda mais porque estou bem persuadido que também sois dêsse princípio.

Percebo que, ainda que vosso grupo de trabalho seja jovem, e sobretudo pelas mulheres, tendes poucos nascimentos. Isso me chamou a atenção. Donde poderia ter vindo êsse inconveniente? A libertinagem ou o trabalho das mulheres? Assim é necessário tomar tento nesses dois casos, e para obviar a isso, creio que é importante prometer e assegurar uma recompensa pecuniária a tôda

mãe que tiver um parto na fazenda... Isso me custaria algumas piastras por ano com êsse objetivo, mas eu as sacrificarei com grande prazer. E' necessário redobrar os cuidados pelas mulheres de parto. Que nenhuma despesa e nenhum cuidado, eu vos peço, não vos detenha quanto a isso. Resultará de tôdas as maneiras um grande bem, o de ter pessoas nascidas na fazenda, de ligar as mães e os filhos ao lugar do seu nascimento, de lhes fazer esperar uma sorte mais feliz, quando elas amamentam ou estão grávidas, etc., pelos cuidados particulares que se deve ter com elas nesse estado, e pela atração duma gratificação e mesmo dum aumento de posse de hortas. Quase tôdas as suas negras são bastante jovens para ter filhos e tendo uma considerável abundância de viveres, os cuidados paternos que lhes dareis deveriam ter um melhor successo. Estou na firme persuasão que os negrinhos nascidos na fazenda ficarão muito caros ao proprietário, mas não faz mal; e isso é um grande bem para o futuro. E' um bom exemplo, e os negros crioulos são uma grande vantagem para as fazendas em geral. Se tendes êste ano uma colheita que vos possa fazer sair de todos os embaraços, será necessário dar a todos um pouco de pano para camisas, saias e calções compridos. Minha posição me impede de lhes fazer êsse presente... Eu prefiro ter um pouco menos de lucro e que êles sejam um pouco mais felizes e contentes.

Quando a fazenda estiver em pleno rendimento, eu não ficarei apenas nisso" (35).

Distingue-se bem os limites dêsse capítulo mesclado de humanidade e de interêsse, e mede-se a alta barreira que detinha e deixava para tempos melhores tôdas essas tentativas: a falta de dinheiro. Elas estavam subordinadas aos lucros, ao pagamento de dívidas, ora, as dívidas são muitas vêzes esmagadoras.

O armador e negreiro Chaurand, de Nantes, exprime-se mais ou menos nos mesmos têrmos que o conde d'Agoult, escrevendo a Hamon de Vaujoyeux, o gerente do seu engenho Lathan, em Cul-de-Sac, em 24 de novembro de 1788:

"Creia que estamos inteiramente de acôrdo com vossa opinião de dispensar os maiores cuidados aos negros, de bem alimentá-los, de os vestir, de lhes testemunhar apêgo e amizade e de não sobrecarregá-los demasiadamente de trabalho. E' melhor ter alguns demais e, sobretudo, favorecer a população. Isso é uma coisa essencial que não tem obtido resultado entre nós tanto quanto o desejamos. Contribuiremos tanto quanto possível em tôdas as vossas boas intenções e, apesar do alto preço atual dos panos, vossos negros novos estando quase nus, nós os enviaremos pelos nossos navios.

(35). — Arquivos do Ministério da França de Ultramar, *Correspondance d'Agoult* (não inventariado em 1951).

Vemos com pena que há poucos nascimentos entre os negros, em proporção ao seu número... Talvez um dia vosso grupo de trabalho estando mais povoado, o trabalho se tornará menos forçado, vossas negras tornar-se-ão mais produtivas. Nos nossos campos as mulheres trabalham de manhã ao anoitecer, apesar disso nos dão filhos; talvez que em animando as negras com promessas de recompensa, nós a faremos trabalhar pela propagação da espécie. Não haverá nunca tantos quantos desejamos..." (36).

5. — Alimentação e alojamento.

A alimentação permaneceu monótona, muitas vezes insuficiente e mal vigiada. Os progressos não serão sensíveis nesse ponto senão em 1789 e 1790. Mas convém fazer aí uma grande diferença entre as plantações onde vive o senhor e as que são dirigidas por procuradores e gerentes. Quer estejam presentes ou não, os colonos em geral economizam menos nesse assunto do que outrora. Mas quando estão longe, como suas boas intenções são seguidas? Entre as ordens e a sua execução há lugar para se colocar o interesse do procurador e o do gerente que compram os aprovisionamentos: provisões salgadas com diminuição da quantidade, legumes secos cheios de terra e muito velhos. Mas quando o colono está presente, há muitas vezes um início de melhoria (37).

No decorrer do século tinha-se praticado dois sistemas diferentes na alimentação dos escravos: rações hebdomadárias por cabana, víveres secos e provisões salgadas; depois o sistema da horta, pertencente a cada escravo ou a cada grupo familiar, com o recurso de rações complementares em caso de sêca prolongada ou de chuvas desastrosas para as culturas de hortaliças (38). Cada sistema tinha seus inconvenientes, porque o trabalho da horta não era muito regular. Era necessário vigilância para com os preguiçosos e para evitar as disputas. As colheitas eram mal asseguradas e a plantação devia ter em reserva uma certa quantidade de batatas, de inhames e de bananas. Em 1780 chegou-se a um sistema mixto, durante todo o tempo, e a criação de pequenos animais pelas mulheres foi bastante encorajada: aves e porcos. Desenvolveu-se a criação, mas de fato isso não enriqueceu diretamente a alimentação dos escravos em carne fresca, porque as aves domésticas eram vendidas no mercado do domingo pela manhã para a aquisição de

(36). — Arquivos de La Loire-Inférieure, *Papiers Chaurand*.

(37). — Em particular nas propriedades Cabeuil, Pièhery. Cf. também os Arquivos da Gironda, C. 4266, de 26 de setembro de 1789. G. Debien, *Comptes, profits, esclaves et travaux de deux sucreries de Saint-Domingue (1774-1798)*, in "Revue d'histoire d'Haïti", janeiro de 1945, p. 32. Satineau, *Histoire de la Guadeloupe sous l'Ancien régime*, Paris, 1828, in 8.º, p. 252.

(38). — J. Neveu, *Une plantation d'indigo à Saint-Domingue*, Mém. Soc. d'Agr. d'Angers, 1944, pp. 24-28.

tabaco, tafiá, lenços para a cabeça ou imagens de pacotilha. Os porcos são mortos. Os melhores pedaços e a banha passam para o guarda-comida da casa-grande que compra muitos presuntos, toucinho, *mantègre* ou banha derretida. A carne fresca continua sendo um prato de grande festa, um luxo. Esforça-se para desembaraçar os recém-chegados dos seus hábitos de comer carangueijos de terra ou *tourlourous* (39) ou *crevettes à colique* (40) e de regular o consumo exagerado dos pepinos e de verduras. Mas como?

O problema das vestes não é um grande encargo senão nas plantações bem cuidadas ou naquelas que estão próximas das cidades. Chega-se até a dar duas mudas por ano quando o senhor está presente, ou quando êle o exige. As vestes de domingo compete ao escravo mantê-las. Um chapéu, uma veste de pano, galões, estabelece a divisão de classes entre êles. As despesas de aquisição de pano para os negros, de fios, de jornadas de costureiras para retalhar casacos, camisas, saias são mais importantes, por cabeça de escravo, no fim do século que antes de 1750 (41).

Não há nenhuma novidade relativamente importante quanto ao alojamento, cujo interesse não tinha, entretanto, jamais escapado aos colonos. Chega-se sòmente a uma forma de choça maior, com quatro peças independentes, uma peça para quatro ou cinco adultos, além das crianças. Não se constroi mais casas dispersas embaixo das árvores. Pensa-se mais no alinhamento, na simetria, procurando economizar o tempo e os materiais, defesa contra incêndios, do que em alojar mais comodamente os escravos. Não estamos em condições de dizer se êsses companheiros de cabana correspondiam a grupos semi-familiaes ou a equipes de trabalho.

6. — A organização do trabalho.

O grupo de trabalho da lavoura como se dizia, isto é, o grupo do amanhã das terras, valia o que valiam o seu chefe, o feitor ou contra-mestre, e o seu vigilante, o administrador. Durante muito tempo os feitores tinham sido escolhidos sem preferência de raça, entre os africanos, ou entre os crioulos nascidos nas plantações. No fim do século escolhe-se sobretudo negros: aradas, haussás, muito raramente congolezes, mas sempre pessoas jovens. Não se vê muitas vêzes mulatos a frente dum grupo de trabalho, o que era comum cinqüenta anos antes. O papel do feitor torna-se cada dia mais importante. Ê-lo como colaborador do colono ou do procurador na escôlha de escravos a bordo dos navios negreiros. Êle

(39). — Carangueijo rubro das Antilhas (*Nota do tradutor*).

(40). — Camarões que davam cólicas (*Nota do tradutor*).

(41). — Rd. P. Cabon, *Histoire d'Haïti*, Port-au-Prince, s.d., 4 vols., in 8.º, II, 537. G. Debien, *Comptes, profits*, I, 55, 30. *Papiers Bréda*, *Comptes Bayon Libertat*, fevereiro de 1789. Arquivos Loire-Inférieure, E 691.

sobe com o senhor para examinar os recrutas, é enviado para plantações longínquas que põem à venda alguns homens “nascido no país”. Pede-se-lhe conselho quando se vai mudar as choupanas de lugar, ou a horta dos escravos, assim como para alforria dos homens da lavoura, que êle conhece melhor que ninguém. Seu relatório oral da noite serve para a organização do registro dos trabalhos do dia.

Antes de 1770, não se tinha procurado ainda ter uma estrita organização do trabalho em grosso, por intermédio e com um pequeno grupo de trabalho, como o faziam os plantadores ingleses (42). Não havia nenhuma classificação segundo a idade ou a habilidade dos escravos. Depois, pouco a pouco se fêz uma distribuição física dos negros, mas que não será nunca tão rígida como no continente. Nos cerros, onde são plantados os novos cafezais, distingue-se *le bel atelier*, o grupo de trabalho dos lenhadores e dos trabalhadores da terra, quase todos africanos e recém-chegados. Depois, o dos cavadores e dos plantadores. Por último o dos montadores (sachadores) e dos cortadores. No grupo dos roteadores não existiam mulheres. Essa é pouco mais ou menos a mesma organização nos engenhos, com o seu grande grupo de cortadores de cana e de plantadores, em seguida o dos sachadores. A alimentação dêsses homens de trabalho pesado é regada com tafiá.

Ao lado dêsses grupos e de seu labor, as tarefas especiais se multiplicam e se tornam quase funções permanentes: construção de cêrcas, regadura, guarda do gado e das cancelas, carros. Essas especialidades não datam do passado, mas agora se hierarquizam. Há um escalonamento preciso das tarefas, uma articulação complexa com um fim social, um *cursus honorum* para as pessoas boas. Nos engenhos o ciclo é muito visível. Conduz da lavoura às tarefas mais doces ou mais sedentárias, ou mais difíceis, muito procuradas sendo as mais invejadas as de condutor de carretas e de encarregado das regaduras. Não falamos da promoção que era a entrada na domesticidade da casa-grande.

“Nas habitações bem administradas, mantém-se com exatidão um registro dos produtos da terra que se pode consultar com utilidade, escreve nas *Instruções* a seus gerentes, Stanislas Foäche, colono em Jean Rabel (43). E' necessário conhecer os aumentos ou os estragos e orientar a cultura”.

Bem mais útil, acrescenta êle, seria

“um livro no qual cada negro tivesse um registro aberto, onde se inscrevesse seu característico marcante,

(42). — F. W. Pitman, *Slavery on the British West India Plantations in the Eighteenth Century*, in “The Journal of Negro History”, outubro de 1926, pp. 595-610.

(43). — *Papiers Bégouën-Denizaux, Instructions de Stanislas Foäche*, II, 10.

suas faltas graves, os salários atribuídos, os postos que êle ocupou e os motivos que o fizeram destituir. Enfim, tal livro seria da maior utilidade. Com êsse auxílio um administrador que entre numa propriedade conhecerá desde logo os homens que vai orientar”.

Com certeza, atrás disso tudo está a questão da melhoria do rendimento, de um lucro maior, graças a um contrôle mais metódico do trabalho. E' também por isso que as rubricas são cada vez mais detalhadas nos diários de trabalho.

*

Entretanto, há dois problemas que não parecem ter preocupado seriamente os colonos, nem durante o XVIII século, nem na véspera da Revolução: o problema das fugas dos escravos, e o da sua instrução religiosa.

Enquanto os fugitivos não se armaram, e sob o comando de um chefe, voltaram em bandos para saquear as plantações, os colonos não falam de fugas senão como uma coisa incômoda, como uma forma de vagabundagem universal que girasse em tórno dos canaviais, das hortas dos negros, dos depósitos de instrumentos e das provisões. A *marronage* não existe na sua forma mais ordinária, senão como uma fuga temporária para uma região ou cerros pouco distantes, e poucas mulheres seguem os fugitivos.

Vem à mente de muito poucos colonos que a educação religiosa dos escravos poderia servir para assegurar a sua submissão e o seu bom espírito. O ensino religioso que se lhe dava, ou melhor que lhes era ministrado nas plantações, permaneceu muito rudimentar, não era mais que uma rotina. O administrador, às vèzes a mulher do colono — nunca a do gerente — serviam de catequistas, e, dêsse lado, nos últimos anos do século, caminha-se para uma grande negligência, salvo na região do Cap. A proporção dos casamentos de escravos diminuíram (44). Ela não tinha sido nunca importante. A questão não teria tido nunca muita importância aos olhos dos senhores. Malouet, a quem a insurreição dos *marrons* de Surinam tinha aberto os olhos, é um dos primeiros a considerar a religião dos escravos como “um contrapeso” às durezas, às injustiças dos senhores.

“A associação dos nossos escravos ao culto que professamos nos tem garantido... mas o domínio e as práticas da religião enfraqueceram... sensivelmente” (45).

Ao lado dêsse testemunho, temos o de Monsenhor Smith, bispo de Charleston, que pôde fazer comparações precisas e que ficou es-

(44). — E a maioria dos colonos atribuía êsse fato à expulsão dos jesuítas, ativos apóstolos dos escravos.

(45). — Biblioteca de Nantes, Mas. n.º 143. Malouet à X.

pantado com o bom fundo de instrução religiosa dos escravos vindos aos Estados Unidos com os colonos refugiados em 1793. Mas talvez os escravos que tinham acompanhado os seus senhores fôsem escravos da casa-grande (46).

*

* *

III. — O TRABALHO DOS SEMI-LIVRES E DAS PESSOAS DE CÔR.

Na verdade, o problema da alforria tinha duas faces: um aspecto oficial, o da libertação por via administrativa, e o da liberdade de fato. Na segunda metade do século XVIII, quando para serem reconhecidos pela administração as alforrias deviam ser registradas e submetidas a direitos elevados, elas se tornam raras nas plantações. E' necessário que fique bem claro, que estamos falando das libertações oficiais, legais. Na realidade, as liberdades de fato se praticavam largamente. Elas são tão numerosas, nos engenhos e nas plantações de café, como nas cidades onde são tão aparentes, que os administradores gerais se preocupam. E' aos seus olhos uma grave questão de política social, de boa ordem. Aos olhos dos colonos essas alforrias múltiplas não têm nada de trágico.*

E' que êsses libertos ficam muito tempo nos quadros da plantação. Recebem primeiramente uma horta maior, mais horas para aí trabalharem. Aliás, qualquer que seja o tempo que lhes deixassem para trabalhar na sua horta particular, a disposição mesma duma horta dava uma certa autonomia econômica àquêles que sabiam e gostavam de horticultura. Com sua horta particular, da qual dispunha à sua vontade, o escravo encontra-se livre para ir no domingo ao mercado do burgo para vender seus legumes e suas frutas. Em algumas propriedades êle tem livre o sábado depois do meio dia. Não é ainda a liberdade, mas encaminha-se para ela. Com o andar do tempo, quando as hortas dos escravos não são mudadas em bloco, elas se tornam uma espécie de "praça pessoal", parecem-se com uma quinta, e os colonos sabiam muito bem para onde tendia essa evolução. Nota-se uma coincidência curiosa entre as plantações cujos negros cultivam velhas roças de viveres e as em que os libertos de fato são numerosos. Timidamente a escravidão transforma-se em servidão. Trata-se unicamente dos escravos da lavoura.

Também à sombra da plantação, e ainda numa certa dependência, viviam aquêles que o senhor autorizava perambular à vontade, fora do seu grupo de trabalho, seja porque eram muito ve-

(46). — Rd. P. Cabon, *op. cit.*, II, 548.

Ihos, ou em recompensa de seus bons serviços: antigos empregados domésticos, antigos feitores, antigos operários especializados no fabrico do açúcar, mães de família numerosa, antigos cocheiros e carreteiros. E' assim que Toussaint-Louverture viveu muitos anos antes da Revolução, liberto de fato por um gerente do engenho Bréda de Haut-du-Cap (47). Esses escravos, que o senhor libera exclusivamente com sua autoridade, não figuram mais nas listas anuais das plantações, mas quase todos ficam voluntariamente ligados ao seu grupo de trabalho pelo hábito, por algum velho parente, filhos, o espírito de corpo, ou pelas distribuições de víveres nos dias de grande festa. Sua liberdade é o fato de não mais precisarem trabalhar. Têm uma horta à parte da dos outros e uma cabana. Tomam parte em tôdas as danças, estão em todos os batizados, em todos os combates de galos; livres aos olhos dos colonos, sempre escravos aos da administração da colônia.

Uma outra forma muito procurada de semi-liberdade era a das locações na cidade ou nas plantações vizinhas: negros ou negras de talento, costureiras, parteiras, marceneiros, ferreiros, mas também carroceiros, se arrendam à vontade, por mês, por semana, por ano, mediante renda fixa, paga a seu senhor que os perde assim de vista. Possuem uma grande liberdade de movimento. Esses negros independentes se fazem marinheiros de cabotagem, pescadores, carregadores, cocheiros, fabricante de pacotilhas. Esses pacotilheiros são pequenos mercadores ambulantes que vão de plantação em plantação oferecer todos os objetos indispensáveis à garridice das mulheres que são sempre jovens. O sortimento da sua cesta é escolhido e pago pelo senhor do pacotilheiro, a quem cabe uma parte dos lucros ou uma quantia diária. Com um negro bem falante e hábil, faz-se bons negócios: um tem a sua liberdade, e o outro lucro. Todo mundo fica contente, salvo a administração da colônia.

Essas portas falsas de saída das plantações são em princípio vigiadas pela polícia. Mas a oposição permanente das repartições de Port-au-Prince não pôde jamais impedir a multiplicação dessas liberdades volantes, que elas tomavam por um abuso e que levavam, diziam elas, ao roubo, à pilhagem, ao contrabando, à vida galante. Mas os costumes estavam lá para lhes fazer frente.

*

Os mulatos também tinham uma vida à parte nas plantações, quer fôssem ou não filhos de colono. Eles se beneficiavam de casas particulares, de tarefas reputadas superiores e duma disciplina privilegiada. Certos empregos muito invejados esta-

(47). — Sua libertação de fato parece anterior à gerência de Bayon Libertat que dirigiu as plantações Bréda poucos anos antes de 1789.

vam reservados para êles: os de criado de quarto, moço de recados, de patrão de embarcações, de guardas de armazens, etc... Entre êles se encontravam filhos de plantadores e que tinham ido fazer uma longa aprendizagem em França como marceneiros, ebanistas, seleiros, cordoeiros, alfaiates. Essa estada na França não os tinham libertado, mas na volta não era mais possível fazê-los reingressar nas fileiras dos escravos. Tinham de fato um lugar intermediário, dificilmente definível, mas todos os pormenores da sua vida o indicavam como livre de fato.

Isso não se dava sem provocar choques, ciumeiras: os negros também aspiravam êsses bons lugares dos mestiços. E quando, como acontecia cada vez com maior freqüência, os plantadores, voltando para a França, confiavam a mulatos, livres de fato, mas não oficialmente, a vigilância dos seus bens ou lhes davam um lugar de administrador (ecônomo) de segunda classe, com grande inveja dos ecônomos brancos que assim viam reduzir-se o número de lugares a serem preenchidos, além do ciúme dos negros. Inicialmente, são os cafezais e as plantações de anil que passam para direção dos mestiços após 1780; raramente grandes plantações, é necessário que se diga, e muito excepcionalmente engenhos; mas êsses pequenos e médios cafezais dos cerros, essas plantações de anil, são plantações onde se fica mais facilmente independente de um colono longínquo. Nessas novidades é que repousa uma das causas mais profundas da animosidade violenta dos brancos pobres contra os mestiços em 1789 e em 1790, quando as eleições municipais lhes permitiram a expressão legal dos seus sentimentos. Esse clima sobrecarregado de ódios recíprocos e de tempestade é oriundo em grande parte da situação especial feita aos mestiços nas plantações. Essa superposição de côres, as dificuldades de suas tarefas paralelas, as questões de autoridade que elas desencadeavam a cada momento, eram para os colonos um dos maiores embaraços diante dos quais podiam ser colocados. Nenhuma solução satisfatória se apresentava no sistema social colonial. A questão era bem mais aguda nas plantações do que nas cidades onde, havia muito tempo, os mestiços tinham o seu lugar, seus ofícios e onde um certo equilíbrio tinha acabado por se estabelecer entre as classes em seguida, sem dúvida, ao incessante vai-e-vem dos desembarques e embarques e do grande número dos recém-chegados de França.

No fundo, e sem bem ter consciência, os brancos consideravam todos os mestiços, livres ou não, como uma mesma classe e lhes reconheciam tácitamente um estatuto particular, muito superior ao dos negros livres. Assim, quando o decreto de 15 de maio de 1781 quis conceder unicamente aos livres, nascidos de pais livres, a igualdade política com os brancos, sem distinguir entre negros livres e mulatos livres, sublevou-se todo o mundo colonial, não sò-

mente os colonos, mas todos os mulatos e negros das plantações, livres de fato, desconhecidos e lesados pela lei que os colocava numa classe de que pensavam ter saído.

*
* *

IV. — OS ESFORÇOS OFICIAIS. AS EXPERIÊNCIAS METÓDICAS DE 1785-1790.

Aqui estão alguns dos problemas das grandes plantações. É uma complexa confusão, e muita coisa nos escapa dêsses cuidados, dessa nova maneira de compreender as coisas em certos colonos menos estreitamente acostumados a ver seus interesses e pensando com um pouco mais de humanidade, ao mesmo tempo, no seu interesse atual e no do futuro. Mas pelo menos até 1784 isso é um movimento espontâneo. Quer os informes que resumimos venham das contabilidades das plantações, da correspondência dos procuradores ou dos gerentes, quer de cartas ou de instruções de colonos que voltaram para a França, ou de proprietários coloniais que nunca apareceram nas suas propriedades, pode-se fazer a mesma observação: não se percebe nenhuma influência precisa vinda de França. Sem dúvida, não pode haver aí um certo paralelismo entre o espírito filantrópico que se desenvolve em França, ao mesmo tempo, e essas tendências que se observam nas ilhas. Mas o laço entre êles nos escapa.

Êsse conjunto de práticas mais humanas é consagrado em 1785 pela administração colonial, controlada e impulsionada nesse sentido. Logo após, alguns particulares, auxiliados e sustentados pelas repartições ministeriais, aplicaram sistematicamente nas suas plantações aquilo que dos novos princípios podia servir para a escravidão, a servidão ou mesmo para a alforria. Enfim, após 1787 êsses esforços metódicos são o ponto de partida dum grupo que reúne filantropos, economistas e proprietários coloniais, que toma o nome de “Sociedade dos Amigos dos Negros”.

Duas Ordenanças reais aparecem em dezembro de 1784 e em dezembro de 1785. Seu fim parecia muito limitado: regulamentar os poderes e os deveres dos procuradores e dos gerentes, codificar os usos para a transmissão dos poderes, para a apresentação das contas e dos livros de plantações. Trata-se de diminuir certos inconvenientes do absentismo. A administração sentiu as consequências sociais e humanas da ausência de muitos senhores e para limitar os seus efeitos, ela se substituiu em parte aos colonos, e tocou na autoridade de todos, ausentes ou presentes. Ela assumiu a sua parte na obra de melhorar a disciplina, mas sua preocupação

é nitidamente humanitária. Ela não se preocupou inicialmente com o rendimento. Codificou os resultados obtidos, garantiu um mínimo de segurança e de bem-estar e de descanso tranqüilo aos escravos das plantações: tarefa do sábado livre, horta particular imposta, acesso livre aos mercados, punições regulamentadas. Ela precisa quando e contra quem poderão ser recebidos testemunhos dos escravos. Os gerentes são vigiados, mantidos sob uma certa tutela administrativa.

Essas medidas, revolucionárias em certos aspectos, fizeram todos os procuradores, gerentes e muitos colonos protestar. Nunca se tinha visto o Estado se imiscuir indiscretamente em negócios de particulares. Era um escândalo.

“Como conter os negros se êles podem acusar os brancos? Todo o laço de obediência é rompido. Avilta-se uma classe de cidadãos laboriosos em lugar de encorajá-los nos seus peníveis trabalhos; é aos procuradores que se deve a bonificação de lucros da colônia; é dêles que manam os cuidados aos negros, a humanidade, a beneficência; pensam sempre mais no hospital do que a casa-grande; não pretendo dizer que todos os procuradores, todos os gerentes não tenham defeitos, mas sustento que existe entre êles mais virtudes que crimes. A confrontação dum gerente com os seus negros é um absurdo. Crer nas acusações dos negros, é abrir a porta à revolta, é armá-los contra os brancos. Se a ordenança fôr mantida a sorte de um bom negro é preferível a de um gerente, de um procurador, direi mesmo de um proprietário. E' necessário conhecer o país e os negros para sentir a justiça daquilo que eu digo. Mais eu quero, eu vejo que se quer libertar os negros e colocar os brancos sob o seu jugo... Vê-se bem que é um militar que redigiu essa infernal ordenança. Rouvray é o autor e isso é dizer tudo...” (48).

Os prótestos se acumularam no ministério, e muito oportunamente para estabelecer o seu fundamento, grupos de trabalhadores massacraram os seus feitores (49). Mas as ordenanças permaneceram. Nos é difícil precisar qual foi a sua eficácia. Mas aqui o que importa é mostrar os sinais dum espírito mais humano que vem do alto desta vez e que tende, apesar de muita má vontade, a se generalizar.

O início da experiência dos plantadores de São Domingos, as tentativas de muitos dêles para tornar menos má em alguns pontos a condição de seus escravos, vêm dar idéia dum ensaio metódico que revelará que se pode, sem choques e sem crise econômica, passar

(48). — M. Mégouen-Demeaux, *Mémorial d'une famille du Havre, II, Stanislas Foäche négociant de Saint-Domingue, 1737-1806*, Paris, Larose, 1951, in 8.º, p. 111.
(49). — *Idem*, p. 110.

do trabalho forçado ao trabalho semi-livre. Estamos mal documentados sobre essas empresas, das quais encontramos ecos nos arquivos oficiais. Pode-se, entretanto, notar três: duas na Guiana e uma em São Domingos.

Na Guiana, duas experiências foram feitas, a primeira numa propriedade do marquês de La Fayette, em Ramire, a um dia de marcha de Caiena, no interior (50); a segunda a seu lado, na plantação do rei que era administrada pelo comissário Lescallier. O iniciador desses ensaios de emancipação progressiva de escravos parece ter sido Condorcet que se interessou por essa obra (51).

La Fayette tinha esse projeto em mente desde 1783. Adquiriu em 1786 a propriedade "La Gabrielle", que pertencera aos jesuítas. Não era mais que uma gleba a ser devastada. La Fayette tinha cerca de cinqüenta negros. Soube interessar no seu projeto um administrador da marinha, Lescallier, e o filho do marechal de Castries, ministro da Marinha; ambos tinham voltado com êle da Guerra da América. O ministro sustentou o projeto e o rei, posto ao corrente, o aprovou francamente. Mas é Condorcet que encontrou o homem a quem confiar a administração dessa plantação "piloto", Henry de Richeprey, jovem geômetra loreno que tinha dirigido os trabalhos do cadastro da Haute-Guyenne. Richeprey recebeu seus poderes em 18 de dezembro de 1785, justamente nas vésperas da segunda Ordenança real sobre os gerentes. Não duvidava do sucesso, assim como La Fayette. Partiu para uma empresa cujo sucesso, pensavam os dois, devia levar a opinião pública a pedir a supressão geral e rápida da escravidão.

O rei permitiu que um ensaio paralelo fôsse feito na propriedade mantida pela administração colonial perto de Caiena, e Lescallier, nomeado comissário na Guiana no início de 1785, tinha partido antes para preparar o caminho para Richeprey que nada conhecia da colônia. Tudo isso devia ser secreto no início, porque os plantadores gritariam por socorro e seriam certamente bastante poderosos para fazer suspender tudo ou para entrar a marcha regular da experiência.

"Para fazer o ensaio de trabalho livre dos negros era necessário dar-lhes 24 francos por mês, seria preciso vesti-los, para isso tinha enviado farinha de centeio e havia feito anunciar que o produto do seu trabalho seria para eles" (52).

Mas a morte de Richeprey após quatro meses de colônia, deixou "La Gabrielle" sem direção, e fez descobrir a ação de Lescallier. A tentativa foi abandonada. Os negros não fizeram mais nada. Tran-

(50). — Ch. Waterton, *Excursions dans l'Amérique méridionale*, Paris, 1833, in 8.º.

(51). — Vide a introdução de Guilhamon nas *Voyages en Haute-Guyenne de Richeprey*, in "Archives historiques du Rouergue", 1952.

(52). — Laffon-Ladébat, *Journal de ma déportation à la Guyanne française*, p. p. Fr. Masson, Paris, 1912, in 16, n.º 342.

caram num celeiro Guitou que dirigiu o estabelecimento quando Lescallier deixou a Guiana alguns meses após a volta do irmão de Richeprey. La Fayette foi acusado de ter posto seus escravos à venda (53). Lescallier confessa o fracasso:

“é necessário enviar um destacamento para tirar o gerente de suas mãos” (54).

Em São Domingos, a experiência foi indireta, mas ainda mais metódica, no estabelecimento que o rei mantinha na ilha de Gonave. Os escravos que aí estavam eram na sua maioria fugitivos presos e não reclamavam pelos seus senhores ou escravos condenados à prisão; aí derrubavam eles árvores necessárias à Marinha e aos trabalhos de fortificação. A tentativa era feita com um fim restrito, mas preciso, e fôra solicitada pela própria administração. Não se tratava duma tentativa de emancipação gradual, nem dum trabalho de rendeiros, mas de medir quais eram as melhores rações alimentares, o melhor horário, o melhor agrupamento dos sexos nos grupos de trabalho, e em que preço exato ficava a alimentação, a manutenção, o alojamento dos escravos, qual o preço de custo do trabalho servil, por cabeça e por grupo. Os cálculos foram feitos muito cuidadosamente em 1789 e 1790 pelo diretor das Fortificações da colônia, o tenente-coronel Frémont de la Merveillère. Temos o resultado de suas observações. Vinha após a de seus predecessores na Direção das Fortificações. Procuravam comparar o preço de custo do trabalho servil com o do trabalho livre (55).

Condorcet, La Fayette, Lescallier não são mais do que nomes que um acaso aproximou. Esses homens, que tinham um mesmo ideal antes da sua comum tentativa, vão se encontrar após a experiência da Guiana à frente da “Sociedade dos Amigos dos Negros”. Lescallier, que assistirá algumas sessões da jovem sociedade, não será nunca membro ativo, como Condorcet e La Fayette. As tentativas metódicas da Guiana, levadas avante com meios financeiros restritos, fracassaram. Mas elas tornaram-se logo conhecidas nos meios coloniais. Condorcet, La Fayette, Lescallier mostraram às pessoas de boa vontade da França o que se devia fazer para aproximar senhores e escravos. Seus esforços abriram um caminho e a confluência das idéias abolicionistas inglesas e dos sentimentos filantrópicos que aumentavam em França, foram a origem obscura da “Sociedade dos Amigos dos Negros”. Brissot não teve importância senão após esses acontecimentos. Os “Amigos dos Negros” queriam abrandar os trabalhos dos escravos regulamentando-os, dotando-os de direitos materiais precisos, organizando um período de liberdade relativa e progressiva, e o mais depressa possível che-

(53). — *Journal de Paris*, 1791, n.º 57.

(54). — *Laffon-Ladébat*, op. cit., p. 342.

(55). — *Papiers Frémont de la Merveillère* (em Merveillère por Thuré, Vienne).

gar à supressão do tráfico, fato que mudando o interêsse dos colonos, mudaria seu espírito.

Após o verão de 1789, uma nova época vai começar na história das plantações. Os debates e os protestos levantados pelo aparecimento da "Sociedade dos Amigos dos Negros", os pedidos dos mestiços livres de igualdade política com os brancos, alguns levantes de estabelecimentos, vão causar grande temor aos colonos. Sentem a ameaça dum grande perigo (56). Vêm por tôda a parte emissários dos "negrófilos" e aumentam a influência da sociedade inimiga. Temem um levante geral. A semi-liberdade dos domingos é mais vigiada, a disciplina mais severa nas plantações. Nos dias de festa, no Natal de 1789, no 1.º de janeiro de 1790 e na Festa de Reis acreditava-se estar em cima de vulcão. Mas ao mesmo tempo uma alimentação mais abundante, melhor e mais rica em carne fresca, uma distribuição de biscoitos e de tafiá, renovações mais freqüentes de vestimentas, são para os colonos um meio para manter seus grupos de trabalho na obediência e no labor. A caridade, menos custosa que a justiça, torna-se precaução social e política. Os colonos sentem-se severamente observados por uma parte da opinião pública da metrópole, que os jornais podem agitar. As primeiras medidas mais humanitárias são publicadas, transformadas em argumento para a defesa dos colonos. E' um dos primeiros efeitos da ação dos "Amigos dos Negros".

Um outro efeito é o fato dos colonos se organizarem por sua vez em sociedades para lutar contra a influência dos "Amigos dos Negros". Fundam em Paris e nas grandes cidades marítimas clubes que vigiam o movimento dos portos, os escritos diários, os jornais, a opinião pública. Eles também repetem que desejam os negros mais felizes, e "contentes com a sua sorte". Mas se encolerizam quando vêem seus adversários se ocupar da felicidade, dos sofrimentos de seus escravos. As melhorias, eles mesmos pretendem dirigir, estabelecer o programa, escolher o momento oportuno, pois que, dizem suas brochuras, êles é que tiveram meritória iniciativa. Querem não ser antecipados por ninguém, nem pela opinião da metrópole, nem pelas repartições ministeriais, nem sobretudo pelos "Amigos dos Negros" que cometeram o dezaso e a injustiça de admitir nas suas fileiras apenas alguns proprietários coloniais que sempre residiram em França, e não verdadeiros colonos.

*

(56). — Arquivos Nacionais — Colônias, C 9 B 39, cartas de 2 e 23 de novembro de 1789; C 3 B 40, cartas de 2 de novembro e 8 de dezembro de 1789; C 9 A 162, 25 de setembro de 1789; e Arquivos da Gironda, C 4364, 5 de setembro de 1789.

Devemos, pois, distinguir três momentos nesses últimos anos do sistema colonial das plantações: até 1785, antes das Ordenanças, ensaios esporádicos, tímidos aqui, mais nítidos alhures, observações mais ou menos seguidas, esforços particulares. De 1785 a 1789, experiências sociais sistemáticas, mais ou menos oficiais, mas muito discretas, para não dizer secretas, e regulamentos novos que davam maior lugar ao dirigismo humanitário, provendo a necessidade duma mudança na política dos estabelecimentos. Enfim, após 1789, desta feita sob a pressão dum temor e com intenção de contra-propaganda junto duma opinião pública a que desde então dava ouvidos às grandes injustiças sociais, uma generalização de medidas mais humanas ao lado duma disciplina mais estrita.

Após tudo isso, não passemos depressa demais às generalizações, nem ao otimismo muito generoso do colono Lory que escreveu um pouco antes de 1784:

“E’ necessário convir que o colono é hoje muito menos rígido para com os seus escravos do que êle o era outrora, seja pelo fato de que o preço excessivo pelo qual foi obrigado a comprá-lo o tenha feito refletir, ou seja porque tenha entrevisto que quanto mais fôsse rigoroso, menos prosperavam os trabalhos ou seja por notar que os grandes castigos são menos comuns do que anteriormente. Talvez chegue a se inspirar numa espécie de emulação ao ponto de fazer por dever aquilo que faria somente pelo medo. O negro é suscetível de apêgo e de reconhecimento quando é favoravelmente tratado pelo seu senhor; a fidelidade nele é muito mais escrupulosamente observada do que na maioria dos nossos semelhantes. Com essas virtudes não se poderia inspirar-lhes outras?” (57).

Não aumentemos as observações colhidas em dez ou doze curtos anos. Descobrimos uma tendência, boas vontades locais, fatos particulares bastante numerosos e nem sempre dispersos, mas reticentes ainda, seguramente mergulhados no meio da indiferença ou da hostilidade do espírito de colono que os cercavam. Não devemos nos esquecer que essa benevolência é uma benevolência de proprietários, que tratam os seus escravos como homens bastante difíceis de serem conduzidos, que custam muito caro e que se é forçado saber tratar se quiser tirar dêles lucros durante muito tempo: a produção, o lucro é o grão-senhor de tôda colônia.

Não tentamos fechar essas questões em tórno de São Domingos. Elas devem ser examinadas também através da história das plantações das outras Antilhas, e não somente francesas, mas inglesas e holandesas; elas serão outras nas ilhas espanholas, no

(57). — Biblioteca de Nantes. Mas. *Papiers Sibille. Mémoire de Lory sôbre o Esprit de Saint-Domingue*; cópia devido a amabilidade de M. Gernoux.

Nordeste do Brasil e nas colônias inglesas do continente. Em São Domingos também é necessário outros exemplos tomados em regiões bem variadas, em plantações de planície há bastante tempo estabelecidas e com uma economia melhor equilibrada, nas plantações mais recentes, instaladas nos cerros do interior, e aqui é importante observar e comparar todos os tipos de plantadores. Distinguir-se-á melhor assim aquilo que no início dessa transformação pode ser oriundo de temperamentos individuais, de vistas desinteressadas ou os sinais de uma nova atitude geral.

Mesmo se a mistura de todos esses esforços na corrente rápida da Revolução não tivesse aparecido, é provável que eles teriam pouco a pouco fracassado. Já os protestos dos colonos unidos contra as Ordenanças de 1784 e de 1785 sobre procuradores e gerentes eram a prova de que o novo espírito não tinha atingido senão uma minoria. E' na Guiana que as experiências de La Fayette e de Lescaillier foram realizadas, não em São Domingos, por temor das manobras dos colonos hostis a toda reforma. Os cálculos do diretor das Fortificações tinham sido levados a uma retirada, em Gonave, e sob a proteção da autoridade militar. O caso do colono Lejeuns, da região de Plaisance, no Norte, mostrará o grau de impotência da justiça diante duma classe social que defende um dos seus, acusado pelos seus escravos de odiosos suplícios.

A Revolução veio antes que as intenções da reforma dos grandes colonos tivessem podido passar largamente para atos, e quando em 1802 e 1803, numerosos colonos se refugiaram em Cuba com os escravos que lhes restavam, eles se instalaram nos seus novos cafezais, sem um passado local, com um ritmo de trabalho e uma disciplina que causou espanto aos crioulos cubanos e que em nada lembram os métodos que certos plantadores tinham pensado instaurar em São Domingos nos últimos anos de sua riqueza tranqüila.

GABRIEL DEBIEN



William B. Greenlee